Conclusão

No ano de 2001, a Revista Francesa de Psicanálise publicou uma edição especial de seu periódico que tinha por eixo temático a discussão e a realização de um balanço da situação atual da Psicanálise, passados cem anos da publicação da *Interpretação dos Sonhos*. Para isso, foram selecionados autores de diferentes partes do globo e de orientações psicanalíticas diversas. Eles escreveriam sobre seus pontos de vista sobre a questão do progresso da psicanálise, as direções da pesquisa psicanalítica, suas definições de Psicanálise e também sobre uma suposta crise da disciplina instituída por Freud. O volume foi organizado por André Green e contou com a colaboração de nomes de peso da produção psicanalítica contemporânea, como Thomas Ogden, Robert Wallerstein, Christopher Bollas, Jean Laplanche, entre outros.

Não é por acaso que alguns desses ensaios serviram de referência bibliográfica para esta dissertação. Ao longo dessas páginas, tentamos examinar e compreender o processo que a Psicanálise realiza na composição de sua teoria a partir de sua prática bem como de reflexões e estudos sobre os conceitos já existentes e sobre perspectivas históricas e epistemológicas. Trata-se, pois, de pensar a pesquisa em Psicanálise, sua pertinência e suas condições de existência. Esse assunto possui relação também com vários pontos desenvolvidos na coletânea compilada da Revista Francesa de Psicanálise, como por exemplo a ligação que o campo psicanalítico teria com a Ciência, ou sobre a fragmentação e a diversidade de posicionamentos presentes na comunidade psicanalítica.

Se esse estado de coisas pode dar a impressão de que o território investigativo em questão é confuso, é preciso lembrar também que a trajetória de formação tanto da prática clínica quanto da teoria psicanalíticas sempre esteve permeada de controvérsias e impasses, e que nem por isso o progresso desse campo do saber foi interrompido ou estagnou-se. O problema aqui, portanto, não é o de definir o que é ou não psicanálise, mas como pode-se associar novos atores e novos mediadores nessas pesquisas, da mesma maneira que Freud se viu às voltas

com componentes os quais ele não poderia ter previsto quando utilizava-se da hipnose.

Como foi demonstrado nos primeiros dois capítulos desse trabalho, não só Freud como outros psicanalistas, hoje considerados também como grandes referências, tiveram que buscar meios de lidar com dificuldades e obstáculos que surgiram tanto de suas práticas quanto de suas hipóteses ou sistemas de pensamento. No caso do primeiro psicanalista, sua formação médica e sua atuação nos meios científicos da época se revelaram posteriormente essenciais no momento de desenvolver uma técnica capaz de dar sentido ao exame da vida anímica e afetiva humana. As circunstâncias do percurso de Freud tornaram possível que ele pudesse elaborar uma técnica dotada de racionalidade científica, nos moldes da ciência de seu tempo. Em sintonia com o projeto nascente das pesquisas que se focavam nas doenças psíquicas, Freud definiu meios racionais de autorizar sua prática, através do isolamento, do estabelecimento de relações e definições das patologias para se alcançar um tratamento e controle possível das enfermidades.

Em um primeiro momento, ele recorreu a hipnose para alcançar seu objetivo de agir e atuar sobre a memória para curar os sintomas histéricos. No entanto, esse método não conseguia afastar ou controlar as reações afetivas dos pacientes com relação ao médico, o que impedia uma intervenção efetiva do médico sobre os sintomas. Mas, se a transferência era um impeditivo no método catártico, a mudança para a técnica da associação livre transformou-a em motor e grande aliada do protocolo de investigação psicanalítico. Essa transferência, mantida nos limites da situação analítica e num espaço que se convencionou chamar de enquadre psicanalítico, pode então ser interpretada e purificada. O setting analítico é fundamental na construção da Psicanálise por servir como um cenário experimental fechado, submetido ao controle do analista, tal qual um laboratório.

Separar os eventos que se manifestavam dentro do ambiente analítico daqueles que ocorriam fora deste permitiu a neutralidade necessária a uma pesquisa rigorosa, eliminando o perigo de se acusar a técnica freudiana de mera sugestão. A unidade desse enquadre, que depois de sua criação tornou-se peça fundamental de todo o método, era o que deveria ser mantida, pois era ele quem

garantia que os atendimentos ali ocorridos seriam simulacros da vida psicológica dos pacientes.

As introduções e mudanças realizadas pelos analistas que foram apresentados no segundo capítulo tornaram-se pertinentes a teoria e a técnica freudianas porque foram modificações realizadas dentro desse limite do *setting*, ou antes, foram modificações deste. Esses autores conseguiram inserir ou adaptar funções e elementos ao enquadre analítico sem que com isso a célula de base do método fosse modificada a ponto de perder sua identidade. A semelhança entre a técnica da psicanálise com crianças, da técnica ativa ferencziana ou da escansão das sessões em Lacan e aquela técnica elaborada pelo próprio Freud pode ser verificada sem muitas dificuldades. Claro que cada psicanalista investe mais em um aspecto ou outro da técnica e da teoria freudianas, porém todos eles mantêm a condição de se contar com o isolamento do enquadre como aquilo que garante o sentido da transferência e das interpretações que serão realizadas a partir da apreensão desse sentido. O encadeamento dos atores e sua estabilização junto ao paciente se mantêm em todas as linhagens psicanalíticas, que tem como objetivo conseguir realizar uma referência circulante que poderá ser compactada em um artigo e lançada na rede.

Podemos dizer, ao final de todo o caminho percorrido, que à metáfora espacial do edifício psicanalítico dotado de um fundamento e de um topo, utilizada por Freud (1914b), poderíamos preferir uma perspectiva de traçar associações, tal qual faz Latour (2000, 2001, 2006) e Stengers (1990), que nos permite apreender o processo de construção do conhecimento psicanalítico de modo mais amplo e completo. Pois, no que concerne à emergência do novo e às associações que terão de ser feitas e refeitas para que um fato psicanalítico exista, uma pesquisa em psicanálise – mesmo quando ela dispõe já de um projeto preciso – não sabe ainda o que visa com exatidão em sua nebulosidade, em seu tateamento. Sempre se corre um risco e sempre há um árduo trabalho a ser feito.

Ainda, é pelo trabalho da pesquisa que se segue uma busca que se compõe também de deslocamentos e de transformações: enquanto um elemento novo intervém, toda uma trama passada pode se encontrar recomposta. Todo avanço modifica aquilo que o precede, e é através do encadeamento de atores que se escreve a pesquisa psicanalítica, redobrando assim as alianças próprias ao tratamento analítico, onde um evento, como uma interpretação, não constitui uma

aquisição, mas sim um acontecimento que abre um outro campo, recompondo aquele que o precedeu. Um fenômeno ou uma descoberta não podem constituir uma aquisição estável, mas sim um evento que abre outros campos e dá início, assim, a novas mediações de recomposição, nas quais estas descobertas continuarão se fazendo aparentes em novas ligações, e também, sob outros pontos de vista, em fenômenos que as precediam, além dos que podem lhes seguir.

Do ponto de vista da pesquisa, podemos dizer também que toda descoberta modifica a posição da qual o sujeito percebe, pensa e escreve, ao mesmo tempo que modifica aquilo que ele percebe, pensa e escreve: a pesquisa afetada pelas ligações que se efetuam na experiência clínica é, portanto, sustentada por este movimento fecundo que desloca simultaneamente o ponto de vista e o objeto. Esta capacidade de abertura e de movimento resulta, dentre outras coisas, do caráter não unívoco das hipóteses que são originadas de várias mutações, e constituídas por diferentes estratos de pensamento superpostos em tempos múltiplos: ou seja, por diversas aberturas de campos, definindo as mediações da pesquisa.

Seria a pesquisa psicanalítica, então, “finita e infinita”, com fim e no entanto sem um verdadeiro fim possível? Provavelmente sim, desde que se busquem sempre os processos de remanejamento e que se relancem uma vez mais novas vias de pesquisa. E um tal processo constituiria bem a prova de que se trata de uma pesquisa psicanalítica, assim como, para Freud, a prova de que uma “construção” proposta pelo analista se revela justa é a de que ela relança sempre no paciente o surgimento de novos elementos.